

PREFÁCIO

Os biógrafos do Profeta Maomé¹ formam uma longa série cuja totalidade é impossível abarcar aqui, mas da qual seria uma grande honra compartilhar. O mais famoso, provavelmente, é sir Walter Raleigh,² embora os louros pela eloquência e pela visão histórica possam ser concedidos, em justa medida, a Gibbon.³

Durante a época em que Gibbon escreveu, e por um longo tempo ainda, os historiadores confiaram seu conhecimento a respeito da vida de Maomé sobretudo à biografia de Abu'l-Fidā, que morreu no ano de 722 a.H. [ano da Hégira], 1322 d.C., de cujo trabalho Gagnier produziu uma edição desprovida de brilho.⁴ Os estudiosos do século XIX, que sem dúvida não estavam satisfeitos com um trabalho tão pouco recuado no tempo, foram bem-sucedidos na tarefa de trazer à luz os mais antigos documentos preservados pelos muçulmanos. O mérito da descoberta e da utilização desses antigos trabalhos deve ser compartilhado por G. Well, Caussin de Perceval, F. Wüstenfeld, A. Sprenger e sir William Muir. As biografias de Maomé escritas pelos dois últimos⁵ serão consideradas clássicas enquanto houver, na Europa, estudiosos da história do Oriente. Vale destacar, porém, que a biografia da autoria de Muir foi escrita de uma perspectiva expressamente cristã, e que a de Sprenger é prejudicada por uma compreensão erudita um tanto enganosa e uma arqueologia pouco confiável.⁶

1. E. Sachau, *Ibn Sa'd III*, i. O prefácio fornece um relato valioso sobre as fontes usadas para a biografia do Profeta.

2. Walter Raleigh, *The Life and Death of Mahomet*, Londres, 1637.

3. Merece menção, entre os eloquentes relatos sobre Maomé, o que se encontra em Reade, *Martyrdom of Man*, 14ª ed., 260 p. O de Wellhausen, na introdução a *Das Arabische Reich und sein Sturz*, é magistral.

4. Oxford, 1723. Abu'l-Fida é referido como o maior dos estudiosos, quicá dos últimos tempos, por T. Wright, *Christianity in Arabia*.

5. Muir, Londres, 1857-1861; Sprenger, 2ª ed., Berlim, 1869.

6. O julgamento que Wellhausen faz dele (*Wakidi*, p. 24-26) é absolutamente justo e sensato.

Desde que esses trabalhos foram produzidos, o conhecimento acerca de Maomé e sua época foi ampliado pela publicação de muitos textos em árabe e pelos esforços de estudiosos europeus voltados à antiguidade muçulmana.⁷ As obras de I. Goldziher, J. Wellhausen e Nöldeke elucidaram muito do que era obscuro e facilitaram a compreensão da história árabe, tanto antes quanto depois do Profeta. Foram revelados muitos detalhes interessantes e até eventualmente importantes dos trabalhos em árabe mencionados a seguir, publicados, em sua maioria, depois que Sprenger e Muir escreveram seus livros.

1. *Musnad*, ou coleção de tradições de Ahmad Ibn Hanbal, que morreu em 241 a.H. (855 d.C.: Cairo, 1890, 6 v., *in folio*). Nesse trabalho, as palavras do Profeta, registradas por diferentes indivíduos, são apresentadas em seletas de cada um deles. A mesma tradição é exposta dez, vinte ou mesmo uma centena de vezes. A maior parte desse material é dificilmente encontrada em outros lugares, e provavelmente é autêntica. O relato desse trabalho, feito por Goldziher, *ZDMG* [revista da Sociedade da Alemanha Oriental], I, 463-599, sem dúvida é excelente.

2. O gigantesco *Commentary on the Koran*, do historiador Tabari, que morreu em 310 a.H. (922 d.C.: Cairo, 1902-1904, 30 v., *in folio*). Para o historiador, esse comentário é muito mais valioso que as interpretações populares de Zamakhshari e Baidawi, que viveram muitos séculos depois e foram influenciados por controvérsias posteriores.

3. O *Isabah*, ou dicionário de pessoas que conheceram Maomé, de Ibn Hajar (Calcutá, 1853-1894, 4 v.). A despeito da data relativamente recente desse grande dicionário, o trabalho de Hajar é valioso do ponto de vista histórico, pois consolida informações

7. As mais importantes biografias de Maomé lançadas na Europa são as de L. Krehl (Leipzig, 1884), H. Grimme (Münster, 1892-1895) e F. Buhl (Copenhague, 1903). As novas edições dos trabalhos de Grimme e de Wollaston, *Half-hours with Mohammed*, e o magnífico trabalho de Prince Caetani não foram publicados a tempo para que eu pudesse utilizá-los.

retiradas de fontes que não são mais acessíveis. Ibn Hajar era dono de uma extraordinária biblioteca.

4. Os trabalhos dos antigos escritores árabes, especialmente o polígrafo 'Amr, filho de Bahr, chamado Al-Jahiz, que morreu em 255 a.H. (868 d.C.). Das suas obras, três encontram-se hoje acessíveis, organizadas por Van Vloten, além do tratado sobre retórica publicado no Cairo. Embora não tratem diretamente de Maomé, esses volumes contêm muitas alusões passíveis de utilização.

O escritor da atualidade pode lançar mão, além desses trabalhos (na medida em que lhe sejam acessíveis), dos estudos já utilizados por seus predecessores, dos quais são enumerados os principais nas referências bibliográficas. Um deles, *Class Book of Ibn Sa'd* (c. 230 a.H., 845 d.C.), está para sair em livro.

Uma vez que os autores dos livros publicados na presente coleção dispõem de um número limitado de páginas,* julguei necessário sintetizar, e isso foi feito pela omissão de três tipos de assuntos:

1. Traduções do Alcorão (exceto nos casos mais raros).
2. Todos os relatos que óbvia ou muito provavelmente são fabulosos.
3. Os incidentes que têm pouca importância em si mesmos ou para o desenvolvimento da narrativa.

Algumas orientações para se avaliar a credibilidade das traduções são formuladas por Muir, na introdução de seu livro, e por Goldziher, em *Muhammadanische Studien*. Observações importantes a respeito do tema também são feitas por Nöldeke, *ZDMG*, lii, 16ss. O número de motivos que levam à fabricação das tradições é tão grande que o historiador corre o risco constante de empregar, como registros verazes, aquilo que na verdade era ficção. Espero que eu não tenha sido apenas mais crédulo que meus antecessores. Ao condenar algumas das tradições como não históricas,

* O autor refere-se à série de estudos biográficos da qual seu livro faz parte, intitulada *Heroes of the Nations*. [N.T.]

em geral considereis suficientes os óbelos* de Goldziher, Nöldeke e Wellhausen.

O ponto de vista a partir do qual este livro foi escrito é sugerido pelo título da série. Considero Maomé um grande homem que resolveu um problema político extremamente difícil — a construção de um Estado e de um império para as tribos árabes. Esforcei-me, ao narrar a maneira pela qual ele realizou sua tarefa, por fazer justiça à sua capacidade intelectual e por observar em relação a ela a atitude respeitosa que sua grandeza merece; por outro lado, porém, este livro não almeja ser uma apologia nem uma acusação. Na verdade, não é mais necessário elaborar um trabalho do tipo apologético nem do tipo acusatório. O encantador e eloquente tratado de Syed Ameer Ali⁸ provavelmente é a melhor realização de uma apologia de Maomé já composta em alguma língua europeia. As acusações, por sua vez, são muito numerosas, algumas elegantes e moderadas, como o trabalho de sir William Muir, outras fanáticas e virulentas.⁹ Essas obras em geral são concebidas para mostrar a superioridade ou a inferioridade da religião de Maomé em relação a algum outro sistema, preocupação da qual espera-se que este livro esteja totalmente isento.

Há duas modalidades literárias às quais devo endereçar meu reconhecimento especial. Uma delas consiste em autênticas biografias de pessoas que convenceram muitos de seus amigos de que elas recebiam comunicações divinas. Posso mencionar, em particular, a história do espiritualismo moderno, por F. Podmore,¹⁰ e o estudo sobre o fundador do mormonismo, de W. Riley.¹¹ A vida de Joseph Smith, fundador do mormonismo, fornece exemplos

* Óbelo: sinal com que os antigos copistas marcavam as palavras ou passagens erradas a serem emendadas na nova cópia. [N.T.]

8. *The Spirit of Islam*, Londres, 1896; Calcutá, 1902.

9. Provavelmente toca-se o fundo da questão em *New but True Life of the Carpenter, Including a New Life of Mohammed*, de Amos (Bristol, 1903).

10. *Modern Spiritualism*, Londres, Macmillan, 1902.

11. *A Psychological Study of Joseph Smith, Jr.*, Londres, Heinemann, 1903.

extremamente instrutivos do uso de “revelações” como instrumento político e das dificuldades que se apresentam na trajetória do homem que é profeta e estadista. O biógrafo de Maomé deve invejar apenas a riqueza e a autenticidade do material à disposição de Riley, sem o qual as fórmulas da psicologia moderna não poderiam ter sido aplicadas à interpretação de Smith de forma tão exitosa.

A segunda categoria de trabalhos são aqueles nos quais a vida selvagem é descrita de forma direta. Entre eles, *Autobiography of James P. Beckwourth* merece destaque especial. Há capítulos em que, se substituirmos *camelo* por *cavalo*, podemos encontrar uma reprodução das maneiras e das instituições dos beduínos — e a questão da veracidade de Beckwourth não afeta a verdade geral de suas descrições.

Para concluir, devo agradecer a diversas pessoas de quem recebi ajuda. Sou especialmente grato, pelas inúmeras sugestões e correções, ao organizador da série, a J. P. Margoliouth e ao reverendo W. J. Foxell, que leram e releram as provas; ao dr. J. Ritchie, *fellow* do New College, e R. B. Townshend, pela orientação no que concerne aos trabalhos médicos e antropológicos; e a G. Zaidan, editor do jornal caiota *Hilal*, pelos nomes de certos trabalhos em árabe sobre os quais eu nada sabia. Zaidan é muito conhecido nos países de língua árabe como historiador, romancista e jornalista, e espero não demorar muito para ter o prazer de apresentar alguns de seus trabalhos aos leitores de língua inglesa.